



RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

A primeira vez que Cibeles Amaral viu “Garagem Olimpo” (1999), de Marco Bechis, foi numa sala de cinema italiana. A experiência deixou marcas: a atriz, cineasta e produtora reconheceu na história sobre a repressão argentina uma ferida também brasileira. Anos depois, ao receber o roteiro de Retorno a Buenos Aires (longa indicado ao Leão de Ouro do Festival de Veneza, em setembro passado), a diretora de “Momento Trágico” (2003) reencontrou a mesma urgência de olhar para as ditaduras sul-americanas e para as sequelas que persistem nas vidas dos sobreviventes. Com o sucesso desse drama na Mostra de São Paulo, lembranças eclodem.

“Para mim, era um filme brasileiro. Não importa que ele se passe na Argentina”, resume Cibeles, uma das três cabeças de produção de origem brasileira que embarcaram no projeto do realizador ítalo-chileno Marco Bechis, ao lado de Patrick De Jongh e André Ristum. Essa fina identificação com o script também passava por uma lacuna histórica: enquanto a Argentina realizou julgamentos de militares envolvidos na repressão, o Brasil não percorreu o mesmo caminho. Para Cibeles, contar essa história “significava oferecer ao público brasileiro a oportunidade de confrontar uma experiência coletiva que permanece aberta”.

Na tela, está o percurso de Mariano Guerra, personagem interpretado



Paula Cohen é uma das estrelas brasileiras em ‘Retorno a Buenos Aires’, de Marco Bechis

Veias abertas que sangram em três países

Produtores brasileiros de ‘Retorno a Buenos Aires’, Patrick De Jongh, Cibeles Amaral e André Ristum falam da parceria com o ítalo-chileno Marco Bechis, homenageado em SP

por Adriano Giannini, que retorna à Argentina após 33 anos na Itália para testemunhar no julgamento dos militares responsáveis por seu sequestro e tortura durante a ditadura. Uma juíza vivida pela paulista (de origem

uruguaia) Paula Cohen analisa o caso na corte. Essa narrativa – que terá mais uma sessão na Mostra de São Paulo nesta quarta-feira, dia 28, às 18h30, no Cultura Artística – saiu de Veneza com o prêmio Francesco

Pasinetti.

A parceria enfrentou o desafio de articular equipes e filmagens em três países, sem diluir a visão autoral do cineasta ítalo-chileno. Patrick De Jongh destaca a capacidade de Bechis

de ouvir seus colaboradores, apesar de seu perfil autoral, e de incorporar contribuições em diferentes etapas do processo. “A gente olha realmente o que é importante para contar essa história”, observa Patrick.

Mais do que cumprir uma equação financeira, a prioridade era preservar a unidade artística de um filme que atravessa diferentes territórios e períodos históricos. André Ristum também chama a atenção para a natureza coletiva desse esforço. Reunindo profissionais com experiência em direção, roteiro e outras áreas da realização cinematográfica, o grupo procurou compreender a lógica de Bechis e a linguagem que ele pretendia construir.

“A gente estava realizando uma obra de arte mesmo”, afirma Ristum, lembrando que a compreensão plena das intenções do diretor só se completou quando os produtores assistiram ao filme pronto. O resultado, em sua avaliação, dependeu justamente da capacidade de manter essa sintonia entre equipes brasileiras e italianas.

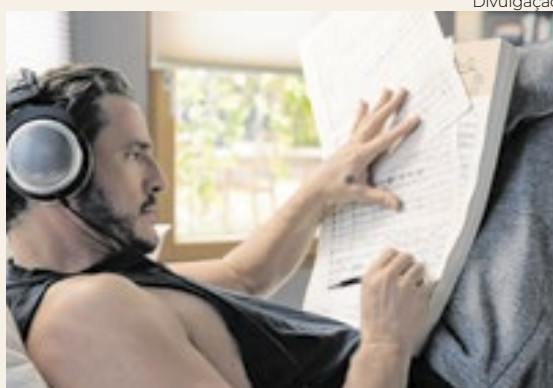
Bechis explica ao Correio que a participação brasileira “foi decisiva, com cerca de 70 profissionais envolvidos nas filmagens em Porto Alegre”, onde foi rodado aproximadamente 60% do material. “Embora nos documentos a coprodução possa aparecer definida de determinada maneira, o esforço brasileiro foi muito significativo. Sou profundamente grato aos meus parceiros”, afirma Bechis, que recebeu na quinta-feira o Prêmio Humanidade da Mostra Internacional de Cinema de São Paulo. “Cada pessoa deposita no filme a sua percepção e a sua imaginação”, explica o diretor. “Por isso, embora todos vejam as mesmas imagens e ouçam os mesmos sons, cada um acaba por construir o seu próprio filme. Esse processo pode enriquecer a humanidade de quem assiste”.

DICAS DE SEGUNDA

POR RODRIGO FONSECA



A. RIMBAUD, de Patrick Wang (Canadá/ EUA): O diretor de “O Luto dos Outros” (2015) joga sua mirada existencialista nos feitos que transformaram o francês Arthur Rimbaud (1854-1891) num farol lírico em meio à vertente decadentista da poesia europeia do século XIX. Mais do que inflamar leitores, com os versos de seu “O Barco Bêbado” (1871), ele desafiou tabus, em especial após seu tórrido romance com Paul Verlaine (1844–1896). No longa, Blake Draper dá vida ao poeta. Onde: Espaço Petrobras 2, 13h45



BEHEMOTH: UMA VIDA COMPOSTA EM PEÇAS (“Behemoth”), de Tony Gilroy (EUA): Cerca de 19 anos depois da consagração de seu “Conduta de Risco” (“Michael Clayton”), o roteirista e diretor por trás da série “Andor” pode emplacar uma indicação ao Oscar para o astro chileno Pedro Pascal. Ele vive o violoncelista Alex Serian, que regressa a Los Angeles após uma jornada exitosa mundo afora e reabre cicatrizes em seu regresso. Onde: CineSesc, 15h



A CONDESSA SANGRENTA (“Die Blutgräfin”), de Ulrike Ottinger (Áustria): Um trinômio do Capeta – o guarda-roupa concebido por Jorge Jara, a maquiagem exuberante de Tünde Kiss-Benke e um design de produção, assinado por Christina Schaffer, que remete para uma casa de bonecas – pavimentam o engenho excêntrico e belo deste terror. Nele, a diretora de “Joana D’Arc da Mongólia” (1989) apela para uma aristocrata vampira para alardear seu medo diante do avanço da extrema direita alemã. Onde: Espaço Petrobras 3, 21h.